

a terra é redonda

Niède Guidon



Por DANIEL BRAZIL*

A cientista que virou passarinho

Niède Guidon é um nome reconhecido mundialmente no campo da arqueologia. A paulista de Jaú, filha de pai francês e mãe brasileira, mudou a história das Américas através de suas pesquisas etnográficas na Serra da Capivara, no Piauí.

Formada em História Natural pela USP, Niède Guidon não teve vida fácil. Ameaçada pela ditadura militar, teve de se exilar. Em suas próprias palavras, "Eu era da Universidade de São Paulo. E tinha uma tia que tinha um amigo que era general. Um dia ele telefonou para ela e disse: 'A Niède tem que ir embora hoje porque ela vai ser presa'. Minha tia foi ao meu apartamento, me botou no avião, e eu fui embora. Não foi só comigo que aconteceu. Na época, pessoas que não tinham passado no concurso para professor da USP, que tinham ficado em segundo ou terceiro lugar, denunciaram os colegas que tinham sido aprovados para ficar com o lugar deles. Foi isso que aconteceu."^[1]

Na França, doutorou-se em Arqueologia Pré-histórica na Universidade *Paris 1 Panthéon-Soubonne*, especializando-se em arte rupestre. Depois de alguns anos lecionando na *École des Hautes Études em Sciences Sociales*, conseguiu apoio do governo francês para pesquisar a região de São Raimundo Nonato, no Piauí, retornando em 1973, e onde vive até hoje. Os primeiros estudos da Missão Arqueológica Franco-Brasileira foram organizados por ela, com a ajuda de Silvia Maranca e Luciana Pallestrini, da USP.

Até então a teoria mais aceita sobre o povoamento das Américas, e que provavelmente você aprendeu na escola, propunha que os pioneiros cruzaram o Estreito de Bering, entre a Sibéria e o Alasca, e foram descendo até a América do Sul. Um dos argumentos é de que isso justificaria a semelhança fisionômica entre os povos asiáticos e os indígenas americanos.

Outra corrente acredita que a América foi povoada por navegadores que cruzaram o Pacífico – não se sabe se por acidente ou de forma intencional – e procuram estabelecer conexões com os malaios e polinésios. Estas duas teorias trabalham com a hipótese de que isso ocorreu entre 20 mil e 35 mil anos atrás.

As pesquisas de Niède Guidon no Piauí chegaram a resultados surpreendentes. Documentando centenas de pinturas rupestres, artefatos e restos de fogueiras, e até fazendo contato com os últimos indígenas da região da Serra da Capivara, a cientista colocou no mundo científico, pela primeira vez, a hipótese de que navegadores africanos foram os primeiros a pisar nas Américas. As datações de suas descobertas chegam a 58 mil anos.

Um terremoto no meio acadêmico. Como uma mulher (uma mulher!) afirma que os primeiros americanos foram negros? Ou, no máximo, árabes? Ainda está para ser narrado de forma minuciosa os tipos de preconceito que Niède Guidon enfrentou para ser ouvida. Por mais de 50 anos ela fotografou, escavou, pesquisou, comparou e discutiu as suas descobertas com seus pares.

a terra é redonda

Os opositores argumentam que os artefatos encontrados por ela são na verdade *geofatos* (produtos de ação de forças naturais). Se pesquisarmos ainda hoje na internet sobre “povoamento das Américas”, veremos que o nome dela quase não é citado. O “*homo sapiens academicus*”, variedade *alba*, não admite concorrência feminina. E nem que africanos tenham chegado primeiro.

A brava guerreira não lutou só na Academia. Em 1979 conseguiu, junto com outros pesquisadores e com apoio da Unesco, que fosse criado o Parque Nacional da Serra da Capivara, no governo João Figueiredo. Em 1991, o parque foi declarado Patrimônio Cultural da Humanidade. Em São Raimundo Nonato (PI) ela criou a Fundação Museu do Homem Americano, do qual é presidente emérita.

Outras áreas da ciência, menos cíumentas, abraçaram a cientista. E vem de biólogos uma homenagem muito especial: esta semana (junho/2024) a revista *Nature* publicou artigo que reconhece uma nova espécie de ave, típica da caatinga, popularmente chamada de choca-do-nordeste. Seu nome científico passa a ser *Sakesphoroides niedeguidonae*.

Niède Guidon, do alto de seus 91 anos, pode sorrir e citar o conhecido verso de Mário Quintana de uma maneira absolutamente pessoal a partir de agora: “Eles passarão, eu passarinho!”

*Daniel Brazil é escritor, autor do romance *Terno de Reis* (*Penalux*), roteirista e diretor de TV, crítico musical e literário.

Nota

[1] Cristina Serra, “Niède Guidon, Meio Século de Luta na Serra da Capivara”.

Apoie A Terra é Redonda

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)